

SE QUERES A PAZ, DEFENDE A VIDA

O tema escolhido pelo Santo Padre Paulo VI para o ano de 1977 — décimo aniversário do Dia Mundial da Paz — põe-nos a todos, antes de mais, uma pergunta: queremos nós verdadeiramente a paz?

Se sim, impõe-se-nos como um dever óbvio: defender a vida, cuidar dela e promovê-la.

A paz e a vida, de facto, condicionam-se mutuamente uma à outra: a paz protege a vida; e a vida, por seu turno, proporciona à paz o seu conteúdo e os seus «sujeitos».

1) Defender a vida — A vida do homem, a sua vida psicofísica está ameaçada e é atacada; e, com ela, também a paz. A vida, efectivamente, tem os mesmos inimigos que tem a paz. É necessário, portanto, defendê-la.

A) Em primeiro lugar contra a morte. São três as agressões fundamentais:

— A guerra. Sem pretender tratar agora aqui deste vastíssimo problema, em si mesmo, anota-se que o «slogan» para 1977 visa reavivar a recordação das decididas palavras de ordem dos últimos Sumos Pontífices e do recente Concílio. Com efeito, como se poderá dizer «Guerra à guerra» (Pio XII), ou «Nunca mais a guerra» (Paulo VI), ou ainda, «Paz sobre a terra» (João XXIII), sem se dizer ao mesmo tempo «Guerra à morte», ou sem dar à vida o direito de viver? Vistas bem as coisas,

DESACATOS PECEPISTAS

Os jornais noticiaram, entre os diversos acontecimentos da quadra festiva do Natal, dois desacatos: um para as bandas de Beja e outro em Benguela, no novo país de Angola.

O primeiro consistiu num grupo de indivíduos que entrou ostensivamente numa igreja repleta de fiéis a participarem na Missa da Meia Noite de Natal. Fingindo ignorar a presença dos fiéis, o grupo dirigiu-se para o altar e pôs-se a comer as hóstias que lá estavam para a Santa Missa, ao mesmo tempo que bebiam vinho de garrafas que levavam consigo. Entretanto o padre continua calmamente a missa e os fiéis aterrorizados, mantiveram-se nos seus lugares, participando. Nos momentos mais importantes do acto religioso, o grupo dava vivas ao PCP. E assim se desenrolaram a falta de respeito, as violências e os insultos ao bom e pacífico povo que naquela igreja se tinha reunido para comemorar o nascimento do Salvador do Mundo.

O segundo desacato deu-se em Benguela. Uma igreja cheia de crentes, igualmente com o objectivo de comemorar o nascimento de Cristo, para mais com a presença do bispo da Diocese, D. Oscar. Um grupo de soldados comunistas cubanos inesperadamente e sem razão nenhuma nem sequer aparente, metralha a igreja, aruando-a, e intima o Bispo a sair de Angola. Este, com toda a seriedade, limita-se apenas a dizer: «deve haver algum equívoco, eu sou angolano»...

Perante estes dois acontecimentos, temos de constatar que o povo não foi respeitado nas suas crenças, o povo foi insultado e vexado, precisamente por um partido que se diz defensor e promotor das classes mais desprotegidas, que nos fala

em «amplas liberdades» para todos, que diz não querer abrir uma «questão religiosa» em Portugal e que se queixa do chamado clero reacccionário.

Que pensar em face de tais desacatos? Que os membros do Partido Comunista Português são diferentes dos de outros países e que finalmente todos os pêcêps se dispõem a respeitar a liberdade religiosa? Que os pêcêps querem de facto a liberdade do povo português? É com estes actos que nos convencem das suas abundantes palavras de liberdade e democracia? Que todos tenham os olhos abertos: não podemos acreditar em palavras quando os actos as desmentem.

Talvez nos venham dizer que nenhum dos filiados no PCP, com cartão de militante, comete tais actos. Mas a árvore conhece-se pelos seus frutos. Se em qualquer parte do mundo, onde domina o comunismo, se entre nós, a hostilidade à Igreja e a toda a crença religiosa vem particularmente de elementos afectos ao PCP, que pensar dessa ideologia?

Não há dúvida que o PCP tem de percorrer uma longa estrada na educação dos seus filiados para que todos possam comportar-se democraticamente e respeitar o povo português em qualquer sector da actividade humana e, por isso, também nas suas crenças religiosas.

O TIO E O SOBRINHO

O sr. Oliveira, industrial de barbearia, era proprietário de três estabelecimentos do mesmo ramo. Trabalhava, num deles, com um sobrinho e outro empregado. De temperamento irritável e pouco condescendente, o sr. Oliveira não desculpava ao sobrinho nem pequenas e inofensivas faltas que, dada a sua juventude (18 anos) cometesse, aplicando-lhe, acto contínuo, uma rajada de bofetadas, reforçada por imoderada repreensão. O jovem recebia os castigos injustos, algumas vezes, e vexatórios sempre, com aparente humildade mas por dentro, no peito, o seu pundenor refervia, qual água na chaleira, em cachão.

Devemos confessar, com verdade, que o tio não só exagerava no rigor dos castigos como também na qualidade humilhante dos mesmos, esquecendo-se de que o sobrinho já não era uma criança.

Era freguês da casa do sr. Oliveira o cônsul, em Lisboa, de não sei que país, pessoa estranha, exótica, pois o barbeiro que o servisse não podia, durante a execução do trabalho, nem tossir nem tocar-lhe nas orelhas. Dada esta circunstância, sem dúvida, de natureza alérgica, era contrariado e, com preocupação, que o barbeiro ia a casa do cônsul prestar-lhe os seus serviços. O cônsul não desejava ser servido na loja. Certo dia, o tio resolveu, pela primeira vez, destacar, para aquele serviço, o seu sobrinho, informando-o, simultaneamente, de que, se o freguês se perdesse, por insuficiência do serviço, sabia, de antemão, qual o prémio valioso a receber. É que, dizia o tio, um freguês, que paga um serviço de 2,50 com 20\$00, não se pode nem deve perder, o que exige que todos os esforços sejam feitos para conservá-lo. Alegando ser-lhe impossível cortar o cabelo e fazer a barba ao cônsul sem tossir e tocar-lhe nas orelhas, o sobrinho recusou-se a ir servir o freguês. A resposta pronta do tio foram duas soantes bofetadas no sobrinho, acompanhadas do sermão habitual.

O sr. Oliveira, dada a recusa do sobrinho, substituiu-o pelo outro empregado que, por sinal, era o meu irmão Joaquim. Devo esclarecer os meus Prezados Leitores que estes acontecimentos se passaram há mais ou menos 50 anos. Meu irmão, felizmente, saiu-se bem da missão de que fora incumbido e a Casa, onde era empregado, não perdeu o freguês. Peço, por favor, que me seja desculpada esta pequena vaidade.

Em frente da barbearia em questão, havia uma padaria onde o sobrinho do sr. Oliveira perdia muito tempo a cavaquear com os padeiros e, principalmente, com uma padeirinha da sua idade.

Um dia, em que o sr. Oliveira teve de ausentar-se da loja para tratar de qualquer assunto respeitante à mesma, ao regressar não encontrou o sobrinho no seu posto de trabalho e o outro empregado não pôde informá-lo por ignorar o seu para-

(Continua na pág. 2)



se a guerra é o outro nome da morte, a vida é o outro nome da paz. — O aborto. Tudo está bem inter-relacionado dentro do âmbito do problema da vida. Rejeitar, matar a vida que começa é expor-se a negar e a eliminar as outras vidas adultas. Querer o aborto e rejeitar a guerra é uma contradição. E rejeitar o aborto e preconizar ou fomentar a guerra é igualmente uma contradição. Sem desconhecer os dramáticos problemas que esta reiterada insistência no respeito devido à

(Continua na pág. 3)

MAIS UM ANO

Mais um velho que morreu
Mais um ano que passou
Mais um novo que nasceu
E p'ró mundo se atirou.

Tragédias, desgraças, má sorte,
Em tudo o velho abundou.
Alegrias, tristezas, e morte...
Para muitos a vida findou.

Oxalá que agora o novo
Nos corra mais a favor.
E que Deus dê ao Seu povo
Justiça, paz e amor.

J. G.

NOTÍCIAS REGIONAIS

POR FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Como em todo o País, tomaram posse no dia 3 de Janeiro p. p. as Câmaras Municipais do Distrito de Leiria.

O acto realizou-se à tarde, e levou ao amplo salão do Governo Civil uma enorme multidão de amigos dos novos presidentes e vereadores dos municípios e representantes de Partidos.

Desta vila, deslocou-se àquela cidade uma enorme massa de gente, para assistir à posse do sr. José Simões de Abreu, para Presidente da nossa Câmara.

POR CAMPELO

Faleceu, no passado dia 20 de Dezembro, a sr.^a Maria de Jesus, de 93 anos, filha de Diamantino dos Santos e de Maria de Jesus.

A extinta era mãe dos srs. José Martinho, Manuel Martinho, Aníbal Martinho, Maria Martinho, Silvina Martinho, Amador Martinho e João Martinho, todos naturais desta sede de Freguesia.

A todos os nossos sentidos pêsames.

Contas da Igreja

As contas da nossa Igreja fecharam em 31-12-76 com o saldo positivo de 1.576\$90.

Saldo de 1975	46.726\$60
Receita 76	36.037\$40
	82.763\$00
Despesa 76	81.187\$10
Saldo para 1977	1.576\$90

POR VILAS DE PEDRO

Casaram no passado dia 1 de Janeiro, na Igreja de Figueiró dos Vinhos, a menina Maria Elvira de Abreu Rodrigues filha dos srs. Manuel da Conceição Rodrigues e D. Joaquina das Neves Abreu, com o sr. Sílvio e Henriques David, filho dos srs. Ângelo Fernandes David e D. Maria Henriques.

Foram padrinhos da noiva os

ESTADOS UNIDOS:

CRESCER ENTRE OS JOVENS A CRENÇA EM DEUS

Segundo uma sondagem, levada a cabo pela agência Gallup, em Dayton, Estado de Ohio concluiu-se que existe um novo influxo de religião sobre os jovens americanos. Baseando-se em dados recolhidos, o presidente da organização demoscópica, Georg Gallup, definiu «surpreendente» a influência da religião sobre os jovens nos últimos tempos e manifestou-se convencido de que terminara a era da permissividade. Esta investigação-relativa aos jovens entre os 18 e os 29 anos — põe a claro uma acentuada orientação na linha dos modelos tradicionais. Noventa por cento dos entrevistados declararam que criam em Deus e uma das ideias predominantes era a do serviço dos outros. É de notar a crítica à sociedade no campo da moralidade, graças a uma forte recuperação do sentido do bem e do mal.

srs. Agostinho de Abreu Rodrigues e Tília dos Santos Ladeira. E do nubente os srs. José Henriques e D. Nilza Agria.

Parabéns e felicidades.

PELA RIBEIRA VELHA

O sr. Maviel Henriques, natural do lugar de Molhos, mas casado neste lugar, embora residente em Lisboa, não se esquece dos nossos pobres. Mais uma vez entregou 3.000\$00 para um bode aos mais necessitados, o que já foi realizado.

POR PEDRÓGÃO GRANDE

Faleceu nesta vila o sr. P.^o José Ferreira, Pároco desta vila há mais de 50 anos, e aqui muito estimado. O saudoso extinto foi acometido de morte súbita. Fez em Novembro passado 76 anos.

Que Deus lhe dê o descanso no Seu Reino Eterno.

POR VILA FACAIA

Está mal de saúde o sr. P.^o Américo Caselho, Pároco desta Freguesia, pois foi há dias vítima duma trombose.

Que Deus o melhore.

Amigos do Jornal

Recebemos mais os seguintes pagamentos de assinaturas de «Notícias de Campelo», que muito agradecemos:

200\$00 — do sr. Eduardo Carvalho Rosinha — Lx.

100\$00 — dos srs. Idalino da Silva Lucas — Fontão Fundeiro; Raúl da Silva Martins — Lx.; José Lucas Prior — Vendas Novas; Major Manuel dos Santos Graça Carvalho — Mem Martins e Joaquim da Conceição Arinto — Sacavém.

80\$00 — do sr. Prof. José Lucas Simões Pedro — Aveiro.

60\$00 — do sr. Joaquim dos Santos Coelho — Tomar.

50\$00 — dos srs. António Arinto Simões — Lx.; José Rodrigues Dias — Lx.; D. Rosária da Conceição Camozas — Figueiró dos Vinhos; Manuel dos Santos Martins — Lx.; Maviel Henriques — Lx.; Joaquim do Rosário Fernandes — Sacavém; Carlos Simões Casaca — Lx.; João das Dores Santos — Arruda dos Vinhos; Aurelindo Neto Lopes — Coimbra; D. Celeste dos Santos Quintas — Amadora e Manuel Simões Relvas.

40\$00 — dos srs. José Simões Pereira — Campelo e Vitorino Simões Lucas.

N. B. — É favor avisar, se entregou o dinheiro da assinatura e não ficou registado nesta secção. É que pode haver um lapso.

O TIO E O SOBRINHO

(Continuação da pág. 1)

deiro. Pensando que, como era habitual, devia encontrar-se na padaria, atraído pelo imã amoroso que lá está instalado, atravessa a rua e vai-se informar.

— O seu sobrinho, sr. Oliveira, não está na padaria nem, ainda hoje, aqui veio — respondeu a padeirinha.

O tio, tendo verificado, no rosto da jovem, um repentino rubor e, na resposta, pouca convicção, deduziu que ela lhe queria ocultar o sobrinho e defendê-lo da respectiva penalidade. Ora, não querendo ser tomado por tolo, ficou de sentinela à porta da padaria, aguardando a saída do pássaro bisnau que, cedo ou tarde, teria de dar-se.

Perante tal atitude imprevista e arreliante, os trabalhadores da padaria reunem-se em assembleia magna para estudar e tomar as medidas que o caso requeria não só para se livrarem de embaraços e responsabilidades pela segregação do seu jovem sobrinho mas também para pô-lo a coberto de uma tarefa mestra que o tio não deixaria de lhe aplicar com jurros altos para compensação do tempo que perdera no posto de sentinela. Foi a padeirinha (oh! como o amor é hábil na descoberta de bóias de salvação quando está iminente o perigo de naufrágio!) que sugeriu o seguinte: O Oliveira II deita-se, como puder, dentro do cabaz rodado, cobre-se com o pano branco e, como se fora pão para venda ambulante, transporta-se para uma das ruas vizinhas onde se apeará.

Assim se fez e, quando o cabaz-carro, puxado por um dos padeiros, e a respectiva mercadoria passavam junto do sr. Oliveira, no seu posto de sentinela, aquele pergunta:

— Então, Carlos, lá vais para a venda do pão? Desejo-te bom negócio.

— Obrigado, sr. Oliveira.

Passados alguns minutos (poucos), o tio descortinou, com surpresa, que o sobrinho subia, lenta e calmamente, a rua e se dirigia para a barbearia. Foi ao seu encontro.

— Então, donde vem o melro tão bem disposto e alegre? — perguntou o tio.

— Estava com dores de dentes e fui obrigado a ir à farmácia comprar um melhoral para as aliviar — respondeu o sobrinho.

— Fizeste bem porque, se a tua ausência da loja fosse motivada por fuga ao trabalho quem te receitava e aplicava um remédio de efeito rápido e eficaz para a tua ociosidade, era eu que, nesta espécie de doença, me considero médico especializado. E o remédio é, igualmente, de marca especial: chama-se marmeleirodal. Não há ociosidade que lhe resista e a cura é garantida.

— Esteja descansado, tio, que, se for atacado por aquela doença, recorro aos seus serviços clínicos e à sua farmacopeia tão acreditados nesta cidade de Lisboa.

— Nem tens outro caminho a seguir porque aquele é único para a tua salvação.

— Assim o espero — finalizou o sobrinho.

JOSÉ RODRIGUES DIAS

RELAÇÃO DAS OFERTAS PARA A CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPELA

DO FONTÃO FUNDEIRO

(CONTINUAÇÃO)

Raul Martins da Silva — Apelação-Sacavém	15 000\$00
Antero A. Simões Seguro — Figueiró dos Vinhos	10 000\$00
Adérito dos Santos Simões Arinto — Figueiró dos Vinhos	5 000\$00
Aquiles Almeida Morgado — Sarzedas-Figueiró dos Vinhos	5 000\$00
Perfeito Ferreira Henriques — Sacavém	5 000\$00
António de Almeida — Apelação-Sacavém	3 500\$00
Dr. Manuel Alves da Piedade — Figueiró dos Vinhos	3 000\$00
Lúcio dos Santos Simões Arinto — Figueiró dos Vinhos	3 000\$00
Acácio dos Santos Simões Arinto — Tortozendo	2 500\$00
João Afonso da Conceição — Apelação-Sacavém	2 500\$00
José Lucas Prior — Figueiró dos Vinhos	2 500\$00
Alberto dos Santos Costa — Bobadela	2 500\$00
Manuel da Silva Santos — Apelação-Sacavém	2 500\$00
Joaquim dos Santos Costa — Bobadela	2 500\$00
Fernando da Conceição Mendes — Vaz Pinheira — América	2 000\$00
Fernando Gonçalves — América	2 000\$00
José Francisco dos Santos — Coruche	2 000\$00
Joaquim da Silva Ribeira — Portimão	2 000\$00
«Lobo da Passarinha»	2 000\$00
José Ferreira Duarte — Sacavém	2 000\$00
Acácio da Conceição Henriques — Sacavém	2 000\$00
Amadeu Godinho dos Santos — Fontão Fundeiro	2 000\$00
Joaquim da Conceição Mendes — Vaz Pinheira — América	1 500\$00
Joaquim da Costa Silva — Portimão	1 500\$00
Aníbal do Carmo Lopes — Bobadela	1 000\$00
José Nunes dos Santos — Serrada	1 000\$00
Armando Nunes Alves — Nazaré	1 000\$00
Vitorino Lucas Prior — Fontão Fundeiro	1 000\$00
Joaquim Nunes Ribeira — Fontão Fundeiro	1 000\$00
Agostinho Ferreira Henriques — Sacavém	1 000\$00
Padre Manuel Ventura Pinho — Campelo	1 000\$00
José da Silva Mendes — Fontão Fundeiro	1 000\$00
José Simões Nunes — Fontão Fundeiro	1 000\$00
Augusto Alves dos Santos — Fontão Fundeiro	1 000\$00
Abílio dos Santos — Serrada (a)	580\$00
» » » — »	520\$00
José Alves — Fontão Fundeiro	500\$00
Manuel Nunes — Moinhos da Ribeira	500\$00
António Cipriano Bandeira — Fação-Pero Pinheiro	500\$00
Esaltino Ferreira Henriques — Sacavém	500\$00
José da Silva Lucas — Figueira da Foz	500\$00
Aurélios dos Santos Tomás — Bobadela	500\$00
Joaquim dos Santos Mendes — Fontão Fundeiro	500\$00
Joaquim Simões Pedro — Fontão Fundeiro	500\$00
Cipriano da Silva Ladeira — Figueiró dos Vinhos	500\$00
Manuel da Conceição Alves — Póvoa	500\$00
Manuel dos Santos Simões — Barreiro-Lisboa	500\$00
José Félix — Fontão Fundeiro	300\$00
Amário da Silva Mendes — Moinhos da Ribeira	250\$00
Sérgio da Silva Brás — Fontão Cimeiro	200\$00
Vitorino Simões Lucas — Fontão Cimeiro	200\$00
D. Ester Rodrigues Simões — Fontão Fundeiro	200\$00
Marcolino da Silva Ladeira — Figueiró dos Vinhos	200\$00
Aníero Godinho — Fontão Fundeiro	150\$00
Artur Lopes Vinhas — Benfica-Lisboa	150\$00
Luciano da Póvoa — Póvoa	150\$00
D. Beatriz Lopes — Entroncamento	100\$00
José Simões Ângelo — Fontão Fundeiro	100\$00
Ângelo dos Santos — Fontão Fundeiro	100\$00
Henrique Bernardo — Fontão da Castanheira	100\$00
«OS ALEGRES» (Conjunto Chelo-Chelo) — Penacova	50\$00
José Barata Salgueiro — Vilas de Pedro	50\$00

(a) dinheiro que tinha em atraso pertencente a N.^a S.^a da Saúde.

(nos próximos números continuar-se-á a divulgação das listas)

ATENÇÃO CONTERRÂNEO E AMIGO

As despesas ainda não acabaram. Faltam ainda umas boas dezenas de milhares de escudos! Se puderes e quiseres reforça o teu donativo. A Comissão agradece.

CRISTÃO E COMUNISTA?

Kazimierz Kakol, Ministro polaco dos assuntos Religiosos, deu uma entrevista, que foi publicada no dia 10 de Fevereiro de 1975 no «Newsweek», semanário americano.

Extraímos a seguinte pergunta com a sua consequente resposta:

— Nagorski: É possível ser-se ao mesmo tempo membro do Partido Comunista e membro da Igreja?

— Kakol: Acho que não. O ser-se membro do Partido não se limita à paga das contribuições, mas sim a um compromisso ideológico.

Sendo a base do Partido, o materialismo dialéctico, não se pode

ser simultaneamente materialista e crente em Deus. No entanto, há situações em que o Partido não liga demasiado a isso. Por exemplo, julgar-se-á de um modo diferente um camponês que entra no partido mas que não teve um conhecimento profundo da sua base filosófica, e um intelectual. Uma pessoa com um certo nível intelectual, tem de fazer uma excepção. Mas em caso negativo, ela pode ser sempre muito activa fora do Partido. Não existe a discriminação contra os crentes.

(Idoc Dossiers 2 e 3, p. 185).

SE QUERES A PAZ, DEFENDE A VIDA

(Continuado da pág. 1)

vida levanta nos dias de hoje, o próximo tema intenta recordar a razão fundamental dessa mesma insistência; ou seja, o risco incalculável de extinção em série, que o esquecer o carácter sagrado da vida traz consigo. São por demais conhecidas as consequências disso: campos de extermínio, manipulações genéticas, meios anticoncepcionais, eutanásia e todas as formas de discriminação.

—A fome. A opinião pública, sobremaneira sensível num primeiro momento só a este aspecto do subdesenvolvimento, tem vindo a atender depois (e muito acertadamente), também aos seus aspectos culturais e políticos. Mas não será tempo, agora, de voltar de novo atenção para a hecatombe de vidas humanas provocada pela fome, pela desnutrição e pela sede (o grave problema da falta de água)?

B) Contra aquilo que fere, diminui ou desonra a vida do homem No primeiro plano destas «violações da integridade da pessoa humana», o Concílio condena numerosas violências físicas e psicológicas. Paulo VI retomando o diagnóstico, denuncia com um vigor particular a tortura, e todas as suas formas, mesmo quando ela é empregada «sob o pretexto de exercitar a justiça e de defender a ordem pública...» (Audiência geral, em 21 de Outubro de 1970).

A mesma reprobção aplica-se também ao regime penal e carcerário que reina ainda em numerosos países (julgamentos arbitrários, sevícias corporais, etc.) e particularmente aos hospitais psiquiátricos e a todas as práticas que visam a desintegração psíquica do internado.

II) Cuidar da vida e promovê-la.

O tema do Dia da Paz de 1977 não se limita, porém, a defender a vida: ele incita a cuidar dela, a prolongá-la e a melhorá-la, ele intenta promovê-la, levando a favorecer a «qualidade da vida» no confronto com a sociedade de consumo. E por isso mesmo, ele atinge as mais elevadas aspirações da paz, que é «uma realidade de ordem espiritual» (Pacem in terris, n. 45). É urgente que os homens, os grupos e as nações se empenhem em criar melhores condições materiais, culturais, sociais e religiosas para uma vida humana mais rica e plena. Pois é para esta que o Senhor nos convoca e pela qual Cristo se ofereceu: «vim para que tenham a vida e a tenham em plenitude»

Resposta de 150 000 polacos

(Continuado da pág. 4)

jogar com a sua equipa nacional contra a D. M. (que este ano está na Taça Europeia).

Verdadeira peregrinação de penitência! Os peregrinos chegaram a pé; alguns tinham caminhado 15 e 20 quilómetros, num cenário poirente e triste, para depois se unirem, imóveis, graves e serenos desde as 9 até às 12 horas.

Há dois anos tentaram afastá-los, organizando um grande desafio de «football», mas foi um fracasso completo. O bispo da diocese lembrou estas escaramuças, na sua alocução ao povo: professores que são despedidos por praticarem a religião; e recusa a licença de construir igrejas. O Cardeal Wojtyła, «arcebispo de Cracóvia exclama»:

«É mentira que se lute contra a religião em nome dos operários, pois, para o operário polaco a religião é riqueza, caminho, verdade e vida.»

Eu, depois de ler o telegrama dos peregrinos marseheses em Lourdes e quando decaro na minha homilia: «A vossa esperança é tão dura como o aço temperado nos altos fornos, porque vós demonstrais que há uma realidade que transcende o homem», segue-se um trovão de aplausos. Em verdade, esta confluência enorme, no coração da bacia mineira, é não só um desafio, mas um desmentido dos fundamentos básicos do marxismo materialista.

Através do rosto de Pickary, revela-se-nos toda a Polónia. Povo fiel. Povo mártir (como se pode esquecer Auschwitz a pouca distância!). Povo católico com uma religião popular, que fica apenas com as Igrejas (muito raras nos novos bairros das cidades) para a educação da fé, mas que nelas se acumulam até não caberem mais.

Assisti a um ofício paroquial no

mês de Nossa Senhora: cerca de 3.000 adultos estavam lá e assim continuou todas as noites.

Se a Igreja não tem medo de falar em voz alta e forte, é porque pastores e rebanhos, se sentem bem unidos, perante as tentativas contínuas para fazê-los desanimar e desistir. Na sua luta corajosa e digna, a Polónia dá-nos uma grande lição.

(Msr. Roger Etchegaray, 20-6-76. Crétiens de l'Est).



Então, porque razão te castigaram na Escola? — pergunta a mãe de Joana.

— Porque eu não sabia onde estavam os Acores.

— Pois... tanta vez te tenho dito que deves saber onde pões as coisas...

★

TODOS A UM TEMPO

Um indivíduo muito embriagado, encontra-se a uma esquina e suplica:

— Meu Santo António, meu S. João, meu S. Ambrósio, ajudai-me. De repente dá um trambolhão e exclama:

— Ai que marotos!... Porque ajudaram todos ao mesmo tempo?

★

UM TESTE CURIOSO

Esta — advertimos — é americana. Um homem, desejando conhecer a vocação de seu filho, encerrou-o num quarto com uma

NOTA DO MÊS

(Continuado da pág. 1)

sar que temos um povo que nos honra com o seu espírito de labor profícuo, tão apreciado pelos empresários dos países para onde emigramos, mas que desgrazadamente foi «embriagado» por ideologias vesgas e retóricas que lhe prometiam tudo sem trabalho! Pensar igualmente que o mesmo povo trabalhador fez produzir lucros fabulosos a empresas, quando funcionavam ordenadamente, e que agora apresentam déficits colossais com os mesmos trabalhadores em auto-gestão de mandriice e de anarquia!

A Reforma Agrária será um bem, contanto que aos antigos latifundiários não sucedam outros, de Estado, partido ou sindicato, bem mais cruéis do que os primeiros; será um bem se os trabalhadores, os pequenos e os médios agricultores, se puderem associar livremente em cooperativas de produção, onde reine o empenho no trabalho, a ordem e a paz, sem sectarismos partidários.

O mesmo se passa no sector do ensino, onde os colégios particulares estão funcionando impecavelmente e há melhoria nos estabelecimentos públicos. Mas, neste último sector existe ainda muita chantagem e desordem.

De facto, não se querem conformar com a nova ordem os que detinham ilegalmente o monopólio do ensino, os que insultavam e continuavam a insultar professores honestos, os que não se podendo vingar de outro modo vociferavam obscenidades e incorrecções nos pátios dos liceus, nas ruas e até nos bares. É a raiva surda de terem sido derrotados pelo povo em eleições livres.

RIA... SE QUISER!

Bíblia, uma nota de dólar e uma maçã. Se o encontrasse com a Bíblia, faria dele sacerdote; se o encontrasse a olhar para a nota, faria dele um banqueiro; e, se a comer a maçã, faria dele um lavrador.

Aconteceu, porém, que, a voltar, encontrou o rapaz sentado sobre a Bíblia, com a nota no bolso e a comer a maçã.

Claro... fez dele um político!

★

— Aonde vai, rica flor?

— Vou à igreja confessar-me.

— A confessar-te? Ora, isso já passou de moda. A mim é que me não apanham lá.

— É que o senhor talvez esteja dispensado.

— Pois ele há gente dispensada de se confessar?

— Pois há. Duas classes de pessoas.

— Quais?

— Os que ainda não chegaram ao uso da razão e os que a perderam já...



Mário Soares, Primeiro-Ministro Português, foi ao Brasil. Pediu aos técnicos que emigraram na era do gonalvismo-comunismo para regressarem ao País, que faziam falta. Não parece, porém, que tenha sido aceite o convite.

Foi deliberado, em Conselho de Ministros, que os trabalhadores da função pública gozarão de benefícios semelhantes aos concedidos pela Previdência.

Uma comunidade cristã do Canadá decidiu fazer uma colecta de doativos para enviar às obras de caridade da Irmã Teresa de Calcutá. Conseguiram cerca de 3.100 dólares, mais de 90 contos.

Cuba — A liberdade religiosa está ainda mais ameaçada neste País comunista pois o projecto da nova Constituição estabelece que qualquer Religião pode ser «ilegal e punível» se repudiar a revolução social-fascista e a educação popular.

Youry Belov, de Leninegrado-Rússia, com 35 anos foi encarcerado num hospital psiquiátrico da K.G.B. (polícia política da Rússia) por causa da sua fé em Deus. Já tinha sido preso pela 1.ª vez em 1962. Foi preso pela 2.ª vez como reincidente e condenado a 5 anos de trabalhos forçados. Um mês antes de acabar de cumprir a pena foi de

novo preso por agitação de ideias religiosas no campo de concentração. É levado para um hospital de doidos.

É assim no país das «amplas liberdades» do sr. Álvaro Cunnal.

O Secretário Geral do Partido Comunista do Chile foi solto da prisão onde se encontrava, desde o golpe de Pinochet e trocado por um famoso preso político da Rússia.

No Chile ou na Rússia não se respeitam as ideias dos cidadãos.

A Polícia Judiciária de Lisboa capturou, na capital, o assaltante solitário das dependências do Banco Nacional Ultramarino, em Sesimbra, e do Banco Borges & Irmão, em Palmela, donde levava 112 e 270 contos.

A Brigada Especial de Bancos da Polícia Judiciária tem vindo a desenvolver grande actividade. A coarçar os seus esforços foi detido um dos presumíveis assaltantes do Banco Totta & Açores.

Vai ser cunhada muito brevemente, um novo tipo de moeda de 25\$00, que substituirá, progressivamente, a longo prazo, as notas de 20\$00, actualmente em circulação.

Na madrugada de 29 de Dezembro, o fogo destruiu uma enfermaria (Cirurgia 2) do Hospital Geral de Santo António (Porto), e 3 doentes morreram carbonizados.

Mas que Socialismo?!...

Os senhores Ministros, reunidos em conselho pela última vez em 1976, botaram cá para fora a lei dos limites salariais. Uma obra-prima, não haja dúvida!

O salário mínimo nacional sobe para três contos e quinhentos (para rurais) e o máximo, santo Deus!, galga para cinquenta!

Ficámos a saber que, «oficialmente», a diferença de salários, neste país, é de quarenta e seis mil e quinhentos escudos! Digo «oficialmente» porque «particularmente», com subsídios, extras, serões e outras coisas quejandadas, há muito que a diferença salarial ultrapassava os quarenta contos. Mas o pior é que esta, agora, é a diferença «oficial»... porque para os «funcionários superiores» continuará a haver mais subsídios, mais extras, mais serões!...

Está claro que este leque seria razoável num país imaginário, onde o mínimo fosse o nosso máximo! Se o trabalhador rural ganhasse cinquenta e o tal funcionário superior noventa e tal... a diferença continuava de quarenta. Mas significava simplesmente o dobro. Ora assim! São treze vezes mais, que azar! — o vencimento de um «funcionário superior» em relação a um rural. O que quer dizer que enquanto o dito «funcionário» pode gastar por dia a módica quantia de mil seiscientos e cinquenta escudos, o rural terá de se contentar com cento e vinte mil réis...

Não está má a diferença num país que os senhores ministros dizem estar «a caminho do socialismo».

De resto eles sabem bem

quanto no-las atiram à cara. Porque, podemos perguntar aos senhores ministros socialistas, porque não tomaram esta resolução antes de 12 de Dezembro? Porque, quinze dias após as eleições, quando esperávamos o brinde, nos dão a roer tão dura fava?

A gente sabe que «antes» era também assim. Que «eles» ganhavam milhares e «nós» uns míseros tostões. Nós sabíamos, nós o povo, os dos três mil e quinhentos... e saudámos com alegria, o dia novo que chegou em 74. E pensámos que acabariam muitas diferenças. Mas, afinal, a história repete-se. Há sempre sanguessugas. Apenas a cor mudou. Porque o sangue e suor do povo, todos sabem chupar...

JESUS RAMOS

Pingos de sabedoria

Melhor é perder o ofício e a vida do que reter o ofício e perder a consciência — P. António Vieira.

★

A carência de autoridade é ainda mais prejudicial a uma colectividade do que o seu excesso. — G. Courtols.

★

Os bens que mais pertencem ao homem são aqueles que lhe custaram a conquistar. — Fulton Sheen.

★

O que há precisamente de trágico no mundo dos nossos dias é a ausência de indignação moral contra as infracções das leis da honestidade. — Fulton Sheen.

HOSPITAL AMBULANTE

AO SERVIÇO DOS POBRES

Um sacerdote franciscano com o curso de Medicina e actualmente a trabalhar na região amazônica do Brasil, desde 1968, vem desenvolvendo uma extraordinária actuação na defesa e promoção da saúde das pessoas mais pobres. Tendo começado por dispensar os seus trabalhos médico-pastorais à população mais carecida da cidade de Santarém, no estado do Pará, na área do Amazonas, passou, mais tarde, a servir as zonas mais esquecidas e abandonadas nas margens do Amazonas e dos seus afluentes.

Tendo conseguido adquirir um barco já velho, transformou-o progressivamente num hospital ambulante que vem funcionando em pleno, a partir de 1974. Através desta actividade, já atingiu um número de vacinações superior a 160 mil e realizou mais de 150 operações cirúrgicas. Desta forma, o navio-hospital que tem o nome de «Esperança», transformou-se num autêntico motivo de justa esperança para as populações pobres da região do rio Amazonas.

A equipa médica do navio é chefiada por um antigo cirurgião norte-americano com a colaboração de médicos e enfermeiras voluntárias, provenientes dos Estados Unidos e que, durante algumas semanas, dão a sua generosa e dedicada colaboração.

RESPOSTA DE 150 000 POLACOS ÀS MAQUINAÇÕES DE KAKOL MINISTRO DE ASSUNTOS RELIGIOSOS

A tese deste ministro de culto ateu diz que os polacos vão à Igreja apenas porque lhes falta divertimentos. Portanto, tenta malograr as manifestações religiosas em favor desta teoria. Mas os mineiros dão-lhe uma lição. Olçamos Monsenhor Atchegaray, arcebispo de Marselha, convidado para assistir a uma peregrinação dos mineiros da Alta Silésia em Pickary:

«Pickary, no coração da Alta Silésia, é um santuário marial. Foi o alvo da minha viagem. O bispo

PARIS — O presidente do Conselho Nacional Americano para a Fome e Subnutrição, Jean Mayer, que é um dos grandes especialistas mundiais destes problemas, fez em Paris um apelo à consciência dos homens e à reponsabilidade dos países ricos, lembrando-lhes as dimensões que toma actualmente a fome no mundo. Segundo ele, cerca de um milhar de milhão de pessoas no mundo são subalimentadas, morrendo de fome 12 000 pessoas por dia. Dez milhões de crianças estão em perigo de vida e 400 milhões de pessoas à beira da inanición.

Jean Mayer considera que estas condições não melhorarão devido principalmente à explosão demográfica: de dois mil milhões em 1920 a população mundial passou para quatro mil milhões este ano e é provável que rode os oito mil milhões no ano 2.000. Embora tenha havido um decréscimo de natalidade há 65 milhões de bocas novas a alimentar todos os anos 90 % das quais nos países pobres.

Para se sair desta situação, Jean Mayer considera que sendo a agricultura a base das civilizações humanas é preciso continuar a aumentar a produção agrícola ajudando cientificamente e tecnicamente os países pobres — (FP).

Bispos brasileiros denunciam injustiças e violência

Na sua última Assembleia geral efectuada, na cidade de Campo Grande, no passado mês de Novembro, os Bispos brasileiros do Estado de Mato Grosso tomaram uma posição de profunda solidariedade cristã com os que sofrem ou são perseguidos e de sincera defesa dos pobres e oprimidos. Assim numa clara alusão à perseguição, desde há meses desencadeada na diocese de São Félix, onde recentemente a polícia assassinou a sangue frio um sacerdote jesuíta, reafirmam a sua fraterna e cristã solidariedade e manifestam a determinação de um perdadeiro compromisso cristão serem, para os pobres, os perseguidos e as vítimas da injustiça, uma voz incansável de defesa e uma mão constantemente estendida para amparar e confortar. Igualmente se afirmam decididos a denunciar todas as violências e arbitrariedades contra os direitos humanos, procurando em cada momento serem obreiros de uma convivência social na fraternidade, na justiça e no amor cristão.

de Katowice, convidou-me a presidir à peregrinação anual dos homens. 150 000 homens. Só e apenas homens, operários metalúrgicos ou mineiros de ulheiras duma diocese, unidos para cantar em comunhão, a glória da Mãe de Deus. Os novos padres da diocese concelebraram comigo: Neste ano, estavam presentes 38 rapazes robustos que tinham feito um ano de estágio nas minas; um deles disse-me que tinha estado há poucos anos em Marselha para

(Continua na pág. 3)

Morrem de fome no mundo 12 mil pessoas por dia



Marginais

CABAZ DO TRABALHADOR

Um jornal «progressista» publicava, antes do Natal, o «cabaz do trabalhador», isto é, o mínimo necessário para um trabalhador passar bem o Natal.

Desse cabaz contavam, entre outras coisas: aniz escar-chado, espumante natural, whisky John Pitt, queijo da serra, vinho do Porto Diez, etc., totalizando 790\$00...

Pobre de mim, quem me dera ser trabalhador para ter coisas tão boas. Sou um pobre burguês explorador e reaccionário que me tenho de contentar com uma ceia de Natal mais modesta. E como eu, povinho da minha terra que não conhece senão batatas e bacalhau e castanhas cozidas com umas rabanadas.

Bem diz um amigo meu: quem me dera ser «trabalhador»! Em Portugal, claro.

SE...

Imaginem que eu era um «independente de esquerda» ou um «progressista», que estava ao lado das classes exploradas. Imaginem que eu assistia àquele programa do Vitorino de Almeida na televisão onde tivemos de estar uma hora a ver o senhor Lopes Graça a comer um rico coelho.

Imaginem que o senhor Lopes Graça não era da minha cor, não estava do meu lado na barricada da justa luta de classes.

Imaginem o que eu diria no dia seguinte na página um ou num boletim da comunidade:

O povo trabalhador sofreu ontem mais uma provocação da burguesia. Os faraós banquetando-se com ricas taças, vinhos capitosos e coelhos caçados nas herdades dos latifundiários alentejanos. Enquanto nos bairros pobres da unidade popular os explorados não têm uma bucha, vimos comer-se coelho burguês, servido por uma explorada empregada doméstica que nem se pôde sentar à mesa com os exploradores. Coitadinha, até andava grávida e tudo. De que lado está o Vitorino? De que lado está a televisão? De que lado está a Igreja? Sempre, sempre ao lado dos exploradores, blá-blá-blá...

Tudo isso eu diria na dita página. Mas não digo, porque não se verificam as condições atrás citadas. E também porque, como bem disse o senhor Lopes Graça desculpabilizando-se, o brandy era fraquinho porque não temos dinheiro, e não é mal nenhum a gente poder estar a comer e a beber à tripa forra; mal é todos não poderem fazer o mesmo...

Bem dito! Já uns anos antes o Alçada Baptista tinha escrito: o mal não é que haja burgueses; chatice é que nem todos podemos ser burgueses.

Por mim não os invejo. Mas rio-me da má consciência de alguns deles, e dos seus escribas officiosos.

A. P. — «V. P.»



NOTA DO MÊS

Mais uma vez se confirmou o bom senso dos portugueses nas últimas eleições. Não houve alterações notáveis, comparando os seus resultados com os de outras eleições anteriores. Apenas se acentuou um reforço de partidos que evitam os extremos. Os grandes derrotados foram os GDUP'S, os mesmos que nas eleições presidenciais tinham obtido resultados apreciáveis. Estes e todos os numerosos partidinhos de novo foram reduzidos a expressões insignificantes, que nada contam no contexto da política nacional.

Assim, a linha política para que o povo português claramente aponta, não só nas últimas eleições, mas também nas constituintes, nas legislativas e nas presidenciais, é de uma via democrática, marcada por uma maior justiça social, contra qualquer ditadura, seja ela da direita ou da esquerda, mas onde haja ordem e paz.

Cabe aos mais responsáveis tirar as conclusões que se impõem nos diversos domínios da actividade nacional, sobretudo na economia e particularmente na Reforma Agrária, no ensino e na or-

O FUTURO DO PAÍS, APÓS AS ELEIÇÕES

dem pública. Quanto a esta última, lembramos que foi por vezes alterada nos tempos que precederam as eleições, com bombas e agitações nos campos do Alentejo. Por detrás estavam decerto intenções eleitoralistas, sempre condenáveis pelo facto dos fins não justificarem os meios. Mas cremos que, passadas as eleições, os ânimos acalmem, porque tais métodos anárquicos já não têm razão de ser, mesmo do ponto de vista partidário. O povo português é tão avesso à desordem que qualquer partido ou partidinho ficaria mal colocado se tentasse prosseguir por meios violentos.

O ponto fulcral, nos tempos mais próximos, vai ser a economia, a Reforma Agrária, bem como o ensino. A economia está de rastos, dizem-no os técnicos, e a desmoralização no trabalho com o absentismo e a falta de empenho são factores impedimentos do indispensável aumento de produção. E pen-

(Continua na pág. 3)